

Coisas Que Acontecem

1-3.66

Rubem Braga

HÁ tanta coisa e tanta gente funcionando mal que vale a pena contar. Um ponto qualquer da estrada de rodagem entre Araruama e Niterói, na quarta-feira de Cinzas. Furou um pneu. O carro é conduzido para a margem da estrada, o motorista salta para providenciar. Um carro da Patrulha Rodoviária Federal, que vem na mesma direção, pára à sua frente. Saltam quatro guardas, perguntam o que houve. «Nada, um pneu...». Enquanto o motorista vai apanhar o macaco e depois o «step», um dos guardas retira o pneu vazio. O motorista aproveita para pedir uma informação sobre a estrada e outro guarda o atende com a maior cortesia. Antes de partir eles se despedem cordialmente: E temos todos a sensação de estar em um país melhor, em que os servidores públicos existissem para servir ao público, em que a autoridade pensasse menos em provar que é autoridade que em ajudar quem está em situação difícil — em que o governo fosse uma instituição cordial e amiga, que não existisse apenas para prender e cobrar imposto...

Departamento de Trânsito do Estado da Guanabara, rua do Resende. Filas imensas para trocar carteiras de habilitação; o prazo só termina a 31 de março, mas parece que ninguém sabe disso. Junto ao guichê onde está escrito «Licença de Aprendizagem» um amigo meu espera alguma coisa. Vê então que se aproxima um sujeito e pede uma informação ao homem que está do lado de dentro do guichê. O funcionário informa com a maior clareza e paciência. Mais dois, três sujeitos que estão em dificuldades são atendidos da mesma maneira gentil e inteligente pelo homem. Ele não se limita a dar a informação seca. Procura inteirar-se da situação do camarada, saber os documentos que ele já tem, se já comprou selos, se já trouxe fotos, e lhe diz qual a maneira mais prática e fácil de resolver seu caso. E meu amigo tem a sensação de estar em uma cidade melhor, em que o funcionário atrás de um guichê não desprezasse nem detestasse a parte; em que a primeira preocupação desse funcionário não fosse mandar o homem do povo, que o procura, para a fila de um outro guichê o mais longe possível do seu, de preferência em outra repartição; em que ele tivesse a preocupação real de ser útil e ser bom, de servir...

Acho que essas coisas a gente deve contar. Eu por mim confesso que fiquei, outro dia, todo vaidoso e agradecido porque o administrador regional da Lagoa me telefonou a propósito de uma crônica em que eu falava do miserável estado do começo da rua Barão da Torre. Antes mesmo de tomar posse o sr. Nelson Correia Monteiro se deu ao trabalho de me telefonar para dizer que o governador lhe enviara minha reclamação para ele atender. Depois eu soube que o citado administrador tinha estado na rua Barão da Torre; e mais: o próprio governador passara por ali! Tudo perfeito.

E' verdade que até agora o monte de entulho juntado ao lado de um edifício ainda não foi removido; que há um esgoto arrebitado na rua, que continua cheia de lama e mau cheiro; que apesar disso começam a ser tomadas algumas providências para tapar os imensos buracos da rua sem consertar o esgoto; que na encosta condenada do Cantagalo os barracos estão sendo reconstruídos pelos seus donos; que não se sabe de providência alguma para impor a mudança do depósito de cerveja cuja frota enorme de caminhões atravança e arruina uma rua estreita.

Tudo isso é fácil de ver; mas, enfim, não estamos na Pasárgada e sim no Rio de Janeiro, e sempre deve haver calma no Brasil: o dia da rua Barão da Torre chegará...